

Programa abre canal de comunicação

Pai de autista encontra no Son-Rise respostas e um caminho a seguir

Maria Angélica de Moraes
Subeditora de Suplementos



Divulgação

O autismo ocorre mais entre meninos e aparece antes dos três anos

O autismo é considerado uma síndrome comportamental com múltiplas causas em consequência de um distúrbio do desenvolvimento. É caracterizado pelo comprometimento em três esferas: interação social (inabilidade em relacionar-se), déficits na linguagem (comunicação) e alterações do comportamento. Estas alterações aparecem antes dos três anos de idade com predomínio maior no sexo masculino (em média três a quatro casos em meninos para cada caso em menina) e podem ser decorrentes de diversas condições que ocorram durante a gestação, parto e/ou logo após o nascimento.

Segundo a psiquiatra Ana Cristina Gonsalves, o termo "autismo infantil" se refere, na realidade, a um quadro específico dentro de um grupo de transtornos - Transtornos Globais do Desenvolvimento -, mas acaba sendo utilizado de forma genérica para se referir a todo o espectro.

Basicamente, os sintomas são: desenvolvimento não compatível ao esperado, manifestado antes dos três anos de vida; comprometimento da capacidade de comunicação (variando desde a ausência da linguagem verbal até o uso inadequado da fala), dificuldade de relacionamento/interação social e comportamento focalizado e repetitivo.

"Os pais devem observar e procurar avaliação quando a criança não interage, não se relaciona, não brinca com outras crianças, demora a iniciar a fala ou começa a falar e depois para sem nenhum motivo aparente, parece não escutar quando é chamado pelo nome, não consegue brincar, imaginar ou utilizar-se de jogos de forma adequada para sua idade, interesses restritos anormais em intensidade ou foco, grande dificuldade para mudanças de rotina além de apresentar estereotipias motoras, como por exemplo, agitar ou torcer as mãos ou os dedos, ou movimentos de todo o corpo como o balanceio", explicou.

A ausência da troca de olhares na hora de dar mamadeira ao filho foi o que chamou a atenção de Rogério (*), diretor de uma construtora de Cuiabá. "Notei que o meu filho não olhava nos meus olhos e me senti incomodado com aquilo". A falta de curiosidade pelo rosto das pessoas próximas e por barulhos que não chamavam a atenção levaram o empresário a iniciar uma longa investigação. "Na época em que notei os sintomas meu filho tinha seis meses. Quando ele tinha um ano recebi de vários médicos diagnósticos equivocados, diferentes e ouvi de um deles que o meu filho era perfeitamente normal. Fomos a neuropediatras em outros estados, mas as respostas nunca me satisfizeram". Até 1,8 ano a criança apresentou outros sintomas como crises de isolamento e movimentos repetitivos.

No meio de tanta angústia em busca de explicações Rogério ouviu, de uma tia de 75 anos, o conselho que iria norteá-lo pelos anos seguintes: "vá em busca de uma solução e não de um diagnóstico". Rogério "mergulhou" na internet e acabou conhecendo o programa Son-Rise. "Foi um grande aliado. Por meio dele consegui fazer com que meu filho reagisse, já aos dois anos e meio. O programa me deu algumas respostas mas, acima de tudo, me mostrou um caminho a seguir". Entre os muitos avanços citados pelo empresário está, finalmente, conseguir receber o tão esperado olhar do próprio filho e, por alguns minutos, interagir com ele. "Hoje, mesmo por pouco tempo, consigo entrar em seu mundo e trazê-lo para o nosso".

Atualmente, além do trabalho com o apoio via internet do Son-Rise, a criança conta com a assistência de uma fonoaudióloga, psiquiatra, terapeuta ocupacional e pedagoga. "Eu acredito nos progressos possíveis e que eu devo disponibilizar ao meu filho os mecanismos para ele chegar onde quer chegar, dando a ele o controle da própria vida. Ele escolhe se quer aprender e se desenvolver. Meios para isso não vão lhe faltar".

(*) O entrevistado pediu para não incluir o sobrenome

SERVIÇO - Informações sobre o programa Son-Rise podem ser encontradas no site *Inspirados pelo Autismo* (www.inspiradospeloautismo.com.br) ou no (11) 3711-4402. Ana Cristina Gonsalves, psiquiatra - 3324-1752



O autista não se relaciona e nem brinca com outras crianças

Tratamentos envolvem pais e equipe multidisciplinar

Subeditora do Suplementos

De acordo com Ana Cristina Gonsalves o autismo é na realidade uma "forma diferente" de funcionamento do indivíduo e o tratamento visa a sua reabilitação. Nela são envolvidos, além dos médicos (pediatra, neurologista, psiquiatra), psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, arte e musicoterapeutas. "A escolha dos profissionais vai depender do comprometimento e necessidades de cada indivíduo", frisou.

Ainda de acordo com ela, sendo uma alteração do desenvolvimento o autismo não tem cura, é para toda a vida. "É como ser loiro, alto, com sardas... é uma condição. É lógico que como vários quadros dentro da psiquiatria, existem teorias e tratamentos alternativos diversos, mas que ainda não têm respaldo ou comprovação científica".

"No meu entendimento a escolha do método de abordagem deve se basear na individualidade da criança, suas necessidades, a sua realidade, sua rotina e possibilidades da família".

O programa - No início dos anos 70, o casal Barry e Samahria Kaufman, fundadores do Programa Son-Rise, ouviram dos especialistas que não havia esperança de recuperação para seu filho Raun, diagnosticado com autismo severo e um QI abaixo de 40. Apesar disso, eles já conheciam o poder que possuem os pensamentos/as crenças e decidiram não adotar esta perspectiva. Decidiram acreditar na ilimitada capacidade

humana para a cura e o crescimento, e puseram-se à procura de uma maneira de aproximar-se de Raun. A partir da experimentação intuitiva e amorosa com Raun, há cerca de 30 anos, eles desenvolveram o programa Son-Rise, que têm ensinado a milhares de famílias ao redor do mundo. Raun se recuperou de seu autismo após três anos e meio de trabalho intensivo com os pais. Raun continuou a se desenvolver de maneira típica, cursou a universidade e agora é um dos diretores do Autism Treatment Center of America, instituição fundada por seus pais.

O Son-Rise ainda é pouco utilizado no Brasil, mas se baseia em um conjunto de técnicas e estratégias visando principalmente a melhora da interação, da forma de se relacionar com este indivíduo. "Todos os métodos de abordagem (os programas Teacch e Son-Rise, a terapia cognitivo comportamental, técnicas de holding, de approach, de comunicação facilitada, integração sensorial e treino auditivo, entre outros) podem trazer benefícios, dependendo da criança", alertou a

psiquiatra. Conforme as orientações contidas no programa, muitas vezes, pais de crianças com autismo acabam focando mais

em pensamentos de preocupação, desespero ou pesar em relação às suas crianças ao invés de focarem no amor e apreciação que eles sentem por elas. "Quando os pais conseguem focar essencialmente no amor, as crianças começam a responder e se desenvolver mais. Este processo tem início com a tomada de decisão por parte dos pais para realizarem esta mudança consciente do jeito de pensar".



Divulgação

Todos os métodos de abordagem podem trazer benefícios e avanços, dependendo da criança